

COM AMOR,
SIMON

COM AMOR,
SIMON

Becky
Albertalli:

TRADUÇÃO DE REGIANE WINARSKI



Copyright © 2015 by Becky Albertalli
Publicado mediante acordo com Lennart Sane Agency AB.

TÍTULO ORIGINAL
Simon vs. the Homo Sapiens Agenda

PREPARAÇÃO
Marcela de Oliveira

REVISÃO
Guilherme Bernardo
Juliana Werneck

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Chris Bilheimer

IMAGEM DE CAPA
© Twentieth Century Fox Film Corporaion
Todos os direitos reservados.

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA
Aline Ribeiro | linesribeiro.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A289c

Albertalli, Becky

Com amor, Simon / Becky Albertalli ; tradução Regiane Winarski.
- 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2018.
272 p. : il. ; 21 cm.

Tradução de: Simon vs. the homo sapiens agenda
ISBN 978-85-510-0305-3

I. Ficção americana. I. Winarski, Regiane. II. Título.

18-47101

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Cávca
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para Brian, Owen e Henry, o porquê
de eu escrever histórias de amor.*

É UMA CONVERSA ESTRANHA E SUTIL. Quase não percebo que estou sendo chantageado.

Estamos nos bastidores, sentados em cadeiras dobráveis de metal, quando Martin Addison diz:

— Li seu e-mail.

— O quê? — Eu levanto o rosto e olho para ele.

— Mais cedo. Na biblioteca. Não foi de propósito, é claro.

— Você leu meu e-mail?

— Ah, eu usei o computador logo depois de você — diz ele.

— Quando acessei o Gmail, entrou na sua conta. Você devia ter encerrado a sessão.

Fico olhando para ele, estupefato.

— Mas, então... por que usar um nome falso? — pergunta ele, batendo com o pé na perna da cadeira.

Bem, eu diria que um nome falso serve justamente para impedir que pessoas como Martin Addison fiquem sabendo da minha identidade secreta. É óbvio que funcionou perfeitamente.

Ele deve ter me visto sentado ao computador.

E eu devo ser um idiota monumental.

Ele dá um sorriso.

— Enfim, achei que você fosse gostar de saber que meu irmão é gay.

— Hã. Na verdade, não.

Ele olha para mim, e eu pergunto:

— O que você está tentando dizer?

— Nada. Olha, Spier, não tenho problema nenhum com isso. Não é nada de mais.

Só meio desastroso, na verdade. Ou quem sabe uma merda de um desastre épico, mas isso vai depender da capacidade de Martin ficar de bico calado.

— Isso é muito constrangedor — comenta ele.

Não sei o que responder.

— Enfim — prossegue —, é bem óbvio que você não quer que as pessoas saibam.

Bem. Acho que não. Embora essa coisa toda de sair do armário no fundo não me assuste.

Acho que não.

É uma caixa gigantesca cheia de constrangimento, e não vou fingir que anseio por esse dia. Mas provavelmente não seria o fim do mundo. Não para mim.

O problema é que não sei como seria para Blue. Se Martin contasse para alguém. Blue é do tipo reservado. O tipo de cara que não esqueceria de encerrar a sessão do e-mail. O tipo de cara que talvez jamais me perdoasse por ser tão descuidado.

Acho que estou tentando dizer que não sei como seria para nós. Para Blue e eu.

Mas realmente não consigo acreditar que estou tendo essa conversa com Martin Addison. De todas as pessoas que poderiam ter acessado o Gmail depois de mim... Você precisa entender que, para começar, eu jamais teria usado o computador da biblioteca, só que bloqueiam o wi-fi na escola. E hoje foi um daqueles dias em que eu não podia esperar até chegar em casa e usar meu

laptop. Eu não podia esperar nem chegar ao estacionamento e abrir o e-mail no celular.

Porque hoje cedo eu tinha mandado um e-mail da minha conta secreta para Blue. E era um e-mail meio que importante.

Eu só queria ver se ele tinha respondido.

— Acho que as pessoas levariam numa boa — diz Martin. — Você devia ser quem você é.

Nem sei por onde começar a responder. Um hétero que mal me conhece está me aconselhando a sair do armário. Sou praticamente obrigado a revirar os olhos.

— Tá, tudo bem. Não vou mostrar para ninguém — acrescenta ele.

Por um minuto, fico estupidamente aliviado. Mas aí eu me toco.

— Mostrar?

Ele fica vermelho e mexe na manga da camisa. Alguma coisa na expressão dele faz meu estômago se revirar.

— Você... você fez uma captura de tela, por acaso?

— Ah, então, eu queria conversar com você sobre isso.

— Espera aí... *você fez uma captura de tela?*

Ele aperta os lábios e olha para um ponto atrás de mim.

— Enfim — diz. — Eu sei que você é amigo da Abby Suso e queria pedir...

— É sério isso? Acho que a gente devia voltar para a parte em que você me explica por que fez uma captura de tela dos meus e-mails.

Ele hesita.

— Ah, é que estou aqui imaginando se você não quer me ajudar a falar com a Abby.

Quase dou uma gargalhada.

— Como é que é? Você quer que eu vá falar bem de você para a Abby?

— É, quero.

— E por que diabo eu faria isso?

Ele olha para mim, e de repente eu me toco. Esse negócio com a Abby. É isso o que ele quer de mim. Em troca de não divulgar a droga dos meus e-mails.

E os de Blue.

Meu Deus. Acho que, para mim, Martin era inofensivo. Um pouco nerd e esquisito, para ser sincero, mas não num sentido ruim. E sempre o achei meio hilário.

Só que agora não estou achando graça nenhuma.

— Você vai mesmo me obrigar a fazer isso...

— Obrigar? Fala sério. Não é assim.

— Então como é?

— Não é nada. Sabe, eu gosto dessa garota. E só estava pensando que talvez você quisesse dar uma ajudinha. Me convidar para alguma coisa quando ela estiver junto. Sei lá.

— E se eu não fizer isso? Você vai postar os meus e-mails no Facebook? Na merda do Tumblr?

Ah, não. O Tumblr creeksecrets: a fonte de fofoca da Creekwood High School. Em um dia a escola toda ficaria sabendo.

Nós dois ficamos em silêncio, até que Martin acaba dizendo:

— Só acho que estamos numa situação em que podemos ajudar um ao outro.

Eu engulo em seco.

— Chamando Marty — diz a sra. Albright, no palco. — Segundo ato, cena três.

— Pense no assunto.

Ele dobra a cadeira.

— Ah, claro que vou pensar. É uma oportunidade imperdível — digo.

Ele olha para mim. E fica em silêncio.

— Não sei o que você quer que eu diga — acrescento.

— Ah, sei lá.

Ele dá de ombros. E acho que nunca houve momento tão oportuno para encerrar uma conversa. Mas, quando seus dedos tocam a cortina, ele se vira para mim de repente.

— Só por curiosidade: quem é Blue?

— Ninguém. Ele mora na Califórnia.

Se Martin pensa que vou entregar Blue, ele está doido.

Blue não mora na Califórnia. Mora em Shady Creek e estuda na nossa escola. Blue não é o verdadeiro nome dele.

Ele é uma pessoa. Pode até ser alguém que eu conheço. Mas não sei quem. E não sei se quero saber.

E não estou com o menor saco de aguentar minha família hoje. Falta uma hora para o jantar, ou seja, uma hora tentando fazer meu dia na escola virar uma série de historinhas engraçadas. Sério. Não posso chegar e falar do cuecão que deram no professor de francês, ou que Garrett deixou a bandeja cair no refeitório. É preciso toda uma performance. Conversar com meus pais é mais cansativo do que ter um blog.

Mas é engraçado. Eu adorava a falação e o caos antes do jantar. Agora, só quero que acabe logo. Principalmente hoje. Eu passo em casa e só fico tempo suficiente para colocar a guia na coleira de Bieber e sair com ele.

Estou tentando relaxar ao som de Tegan and Sara no iPod, mas não consigo parar de pensar em Blue e Martin Addison e no desastre total que foi o ensaio hoje.

Então Martin está a fim de Abby, assim como todos os outros nerds héteros das outras turmas. E ele só está me pedindo que

eu o leve quando sair com ela. Não parece nada de mais quando penso por esse ângulo.

A não ser pelo fato de que ele está me chantageando. E, por extensão, chantageando Blue. É essa a parte que me dá vontade de sair chutando o que aparecer na minha frente.

Mas Tegan and Sara me acalma. Andar até a casa de Nick me acalma. O ar está com aquela sensação fria de começo de outono, e as pessoas já estão colocando abóboras nas escadas das varandas. Adoro isso. Sempre gostei, desde criança.

Bieber e eu atravessamos o quintal de Nick e entramos no porão. De frente para a porta tem uma televisão enorme, na qual os templários estão levando uma surra. Nick e Leah estão cada um em uma poltrona de balanço, jogando video game. Parece que estão ali a tarde toda.

Nick pausa o jogo quando eu entro. Isso é uma coisa legal nele. Nick pode não largar um violão por você, mas pausa o video game.

— Bieber! — exclama Leah.

Em segundos, meu cachorro se acomoda, todo desajeitado, com a bunda no colo dela, a língua para fora e as patas da frente batendo. Ele fica que nem pinto no lixo perto de Leah.

— Não, tudo bem. Pode cumprimentar o cachorro. Finge que não estou aqui.

— Ownn... Você também está precisando de uma coçadinha na orelha?

Eu abro um sorriso. Isso é bom, as coisas estão normais.

— Você encontrou o traidor?

— *Matei* o traidor — diz Nick, dando tapinhas no controle.

— Legal.

Sério, não há nenhuma parte de mim que se importe com o bem-estar de assassinos, templários ou de qualquer persona-

gem de jogos. Mas acho que preciso disso. Preciso da violência dos video games e do cheiro desse porão e da sensação familiar que Nick e Leah me transmitem. O ritmo da nossa fala e nossos silêncios. A falta de objetivo das tardes de outubro.

— Simon, Nick não ficou sabendo do cuecão.

— Ahhhhh. *Le cuecão. C'est une histoire magnifique.*

— Tradução, por favor? — pede Nick.

— Ou pantomima — diz Leah.

Acontece que sou incrível em encenar cueções épicas.

Então talvez eu goste mesmo de performances. Um pouquinho.

Acho que essa sensação de passeio de sexto ano com Nick-e-Leah está começando a me contagiar. Não sei explicar. Mas é que, quando estamos só nós três, temos esses momentos perfeitos e bobos. Não tem espaço para Martin Addison. Não tem espaço para segredos.

Bobos. Perfeitos.

Leah rasga a embalagem de papel de um canudinho. Ela e Nick estão com um copo gigante de chá gelado do Chick-fil-A. Faz um tempo que não vou lá. Minha irmã ouviu falar que eles doaram dinheiro para campanhas contra gays, então meio que comecei a me sentir mal de comer lá. Mesmo que o milk-shake de Oreo deles seja um pote gigante de delícia cremosa. Não que eu possa comentar isso com Nick e Leah. Não falo sobre assuntos gays com ninguém. Só com Blue.

Nick toma um gole do chá e boceja. Na mesma hora, Leah tenta acertar um pedacinho da embalagem do canudo na boca dele, que logo a fecha.

Ela dá de ombros.

— Continue bocejando, Bela Adormecida.

— Por que você está tão cansado? — pergunto.

— Porque eu curti muito ontem à noite. A noite toda. Sem parar.

— Curtiu muito o trabalho de cálculo, né?

— ME DEIXA, LEAH.

Ele se inclina para trás, bocejando de novo.

Dessa vez a bolinha de papel de Leah acerta o canto da boca.

Ele joga a bolinha de volta nela e diz:

— Então, estou tendo uns sonhos esquisitos.

Arqueio as sobrancelhas.

— Eca. Guarda pra você.

— Não... não esse tipo de sonho.

Leah fica vermelha.

— Não, sabe — continua Nick —, esquisito mesmo. Eu estava no banheiro, colocando as lentes, e não conseguia identificar qual era de qual olho.

— Tá. E depois, o que acontecia?

A voz de Leah sai abafada, porque ela está com o rosto enterrado nos pelos do pescoço de Bieber.

— Nada. Eu acordei, coloquei as lentes normalmente e ficou tudo bem.

— Esse é o sonho mais sem graça do mundo, Nick — diz ela. — Não é exatamente por isso que colocam “D” e “E” nos estojinhos das lentes?

— Ou talvez as pessoas deversem usar óculos logo e parar de tocar nos globos oculares.

Eu me sento de pernas cruzadas no tapete. Bieber pula do colo de Leah e vem até mim.

— E porque seus óculos deixam você a cara do Harry Potter, né, Simon?

Uma vez. Eu só falei isso uma vez.

— Bem, acho que meu inconsciente está tentando me dizer alguma coisa. — Nick não consegue mudar de assunto quando entra no modo intelectual. — Obviamente, o tema do sonho é a visão. O que não estou enxergando? Quais são meus pontos cegos?

— Seu gosto musical — sugiro.

Nick se recosta na poltrona e toma mais um gole do chá.

— Vocês sabiam que Freud interpretava os próprios sonhos quando estava desenvolvendo sua teoria? E que acreditava que todos os sonhos são uma forma de realização inconsciente das vontades?

Leah e eu nos entreolhamos, e sei que estamos pensando a mesma coisa. E não importa, ele pode até estar falando um monte de besteira, mas fica meio irresistível quando está nessa onda filosófica.

É claro que tenho uma política rigorosa de não me apaixonar por caras héteros. Em especial por caras comprovadamente héteros. Enfim, tenho uma política de não me apaixonar por Nick. Mas Leah se apaixonou. E isso gerou todos os tipos de problema, principalmente agora que Abby entrou na história.

No começo, eu não entendia por que Leah odiava Abby, e perguntar diretamente o motivo não foi a melhor tática.

“Nossa, ela é *demais*. Afinal, é líder de torcida. E é tão linda e magra... Ela é muito incrível, não é mesmo?”

Você precisa entender que ninguém domina a arte da indiferença como Leah.

Mas acabo reparando em Nick trocando de lugar com Bram Greenfeld no almoço, uma troca calculada, planejada para potencializar suas chances de se sentar perto de Abby. E, depois, nos olhos. Os famosos olhares demorados e apaixonados de Nick Eisner. Já vimos essa história nauseante com Amy Everett no fim do

nono ano. Mas preciso admitir que tem alguma coisa fascinante na intensidade nervosa de Nick quando ele está a fim de alguém.

Quando vê esse olhar no rosto de Nick, Leah se fecha.

O que significa que existe um bom motivo para eu ser a amiguinha casamenteira de Martin Addison. Se Martin e Abby ficarem juntos, talvez o problema de Nick acabe. Aí, Leah vai poder relaxar, e o equilíbrio será restaurado.

Então, não se trata só de mim e de meus segredos. Não tem nada a ver comigo.